

REIVINDICAÇÃO

Saterés vão ganhar escola diferenciada em Manaus

Fotos: Antônio Menezes

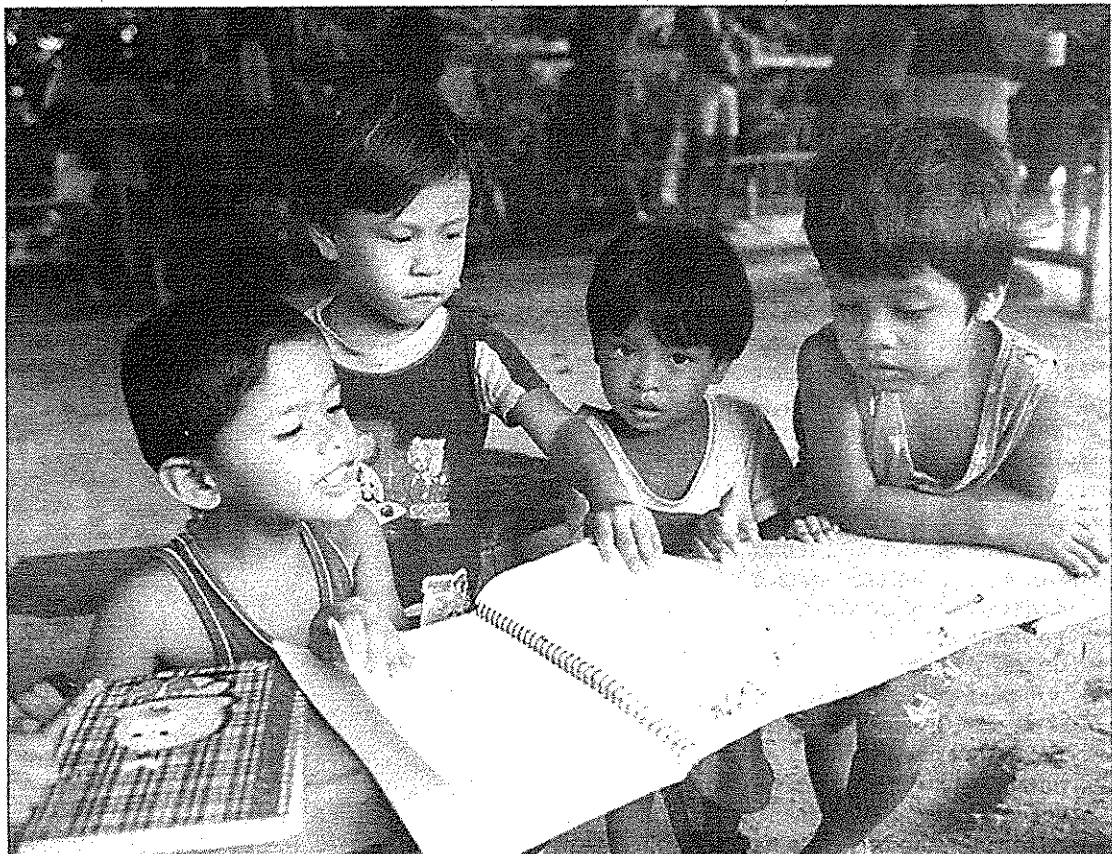
HÁ SETE ANOS ELES LUTAM PELA REGULARIZAÇÃO DA ÁREA NO SANTOS DUMONT. PROMESSA DE CONSTRUÇÃO DA ESCOLA AGRADOU

ANA CELIA OSSAME

Eles deixaram para trás as terras demarcadas, as aldeias, o roçado e a pesca, em busca da realização de um sonho na cidade grande: educar os filhos na cultura dos brancos para torná-los profissionais sem perder o idioma nativo. Instalados há mais de sete anos na área verde do Conjunto Santos Dumont, Zona Centro-Oeste, índios sateré-maués reivindicam uma escola diferenciada, como já existe nas aldeias do Andirá e Marau, nos municípios de Barreirinha e Maués.

"Nós queremos viver aqui para eles aprenderem o que não aprendemos, que cresçam e sejam profissionais, mas que nunca deixem de ser índios", afirma o cacique Manuel Luís da Silva, 42, sem saber que uma resolução, recentemente aprovada pelo Governo do Estado, garante o atendimento da reivindicação, conforme explica Arlene Bonfim, gerente do programa de Educação Indígena da Secretaria de Estado da Educação e Qualidade de Ensino (Seduc). Arlene promete ainda para o próximo ano a construção da escola.

Para o cacique Manuel Luís da Silva, vir para a cidade foi um desafio assumido por 15 famílias, que vieram e foram se instalando aos poucos na área verde do San-



IDIOMA

Crianças saterés aprendem em Manaus a falar na língua nativa na escola sem infra-estrutura

tos Dumont. Mesmo assim, não admite ser confundido com branco. "Somos saterés em qualquer lugar onde moramos, seja aqui no Brasil ou no exterior", afirma.

A justificativa pela saída de Barreirinha é econômica, social e política. "Nossa terra é grande, mas nós não temos condição para viver bem nela porque falta comida, remédios, roupas e por isso viemos para cá", diz o cacique, afirmando que as grandes distâncias, a carência material e financeira das aldeias impede o povo de viver bem nos municípios interioranos. Manuel não se incomoda com as virtuais críticas dadas a eles pela decisão de "invadir" uma terra no meio da

civilização branca. "Essas terras eram todas de índios, nós temos os mesmos direitos", acrescenta.

A um passo de obter o título definitivo da área, onde estão instalados em casebres de madeira e até em casas de alvenaria, só quecom o piso de chão batido, Manuel quer a escola para tentar segurar os laços entre a cultura sateré e a cultura dos brancos. "Sei que nós podemos dar as nossas crianças essa educação, para eles aprenderem a nossa língua e continuar a ser saterés para o resto da vida", explica ele.

FORMAÇÃO

O primeiro passo neste sentido foi dado com a ida do professor Jeremias Capote Barbosa para um

curso de formação no Projeto Pyra-Yauara, que vai acontecer no município de Barreirinha (a 328 quilômetros de Manaus) a partir da próxima semana, durante 45 dias. Segundo a gerente do programa, Arlene Bonfim, como seria difícil prepará-lo aqui, ele vai se reunir a outros professores saterés para fazer o curso em Barreirinha. "Eles estão respaldados na solicitação e a gerência de educação já planejou para o próximo a construção da escola", disse.

De acordo com ela, a Resolução nº 11, de 13 de fevereiro deste ano, ampara a escola indígena no perímetro urbano, garantindo o direito a uma educação diferenciada, específica e intercultural.

IMPROVISO

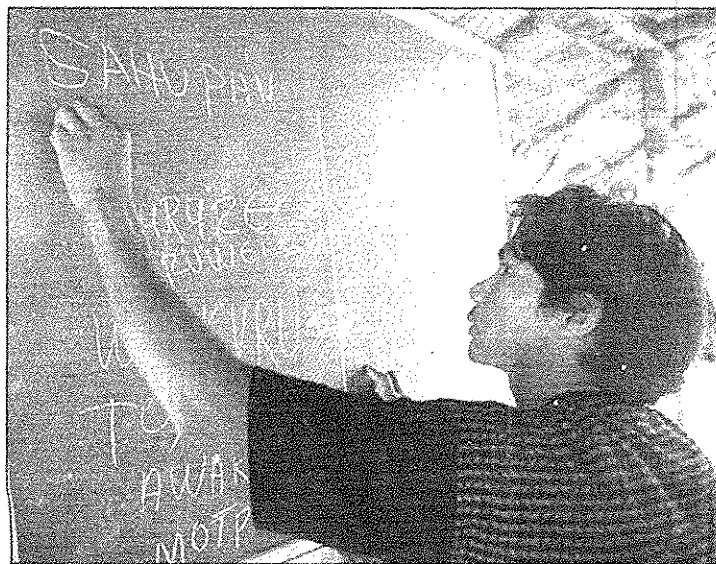
"AS CRIANÇAS QUEREM CONTINUAR A ESTUDAR, FAZER O ENSINO MÉDIO, QUE NÃO TEM LÁ"

JEREMIAS CAPOTE BARBOSA, professor

Faltam bancos e livros para crianças

Na escola improvisada, tem um pequeno quadro verde, bancos de madeira, poucas mesas e muita vontade de aprender e ensinar. "Temos que começar do zero, mas todos os dias fazemos um pouco", disse o professor Jeremias Capote Barbosa, dedicado a ensinar a 17 crianças que não sabem ler e nem escrever na língua portuguesa e nem falam quase nenhuma palavra no idioma sateré. A alfabetização no idioma nativo é um desafio que Jeremias vai vencendo com esforço pessoal. Depois de ganhar uns cadernos doados pela Seduc, o professor vai ensinando o alfabeto sateré às crianças e também aos adultos interessados no assunto. Estes estudam à noite. As cartilhas são poucas e bastante usadas.

Mesmo sem ganhar um centavo pela tarefa, ele não desiste e anima-se com a possibilidade de fazer o curso em Barreirinha. "Vou voltar melhor preparado e vou ajudar mais meus parentes", disse Jeremias, usando o adjetivo dos índios para referir-se aos semelhantes. Na aldeia sateré, segundo Jeremias, os estudantes não passam da 5ª série, por isso não têm perspectiva e querem sair para morar na cidade. "As crianças querem continuar a estudar, fazer o ensino médio, que não tem lá", disse Jeremias. Para o professor, que aprendeu a falar português com os padres e missionários, ensinar as crianças dá uma grande alegria. "Eu ensino os nomes dos animais, das plantas e das coisas em sateré",



JEREMIAS

Professor vai fazer curso para perfeição o ensino

revela. Francimara Cardoso Miquiles, 12, é uma das alunas da classe de Jeremias. Ela desconhece idiomas dos brancos e dos índios, por isso esforça-se no aprendizado. "Eu quero aprender", afirma, convicta. A colega e vizinha, Taís Souza Pereira, 6, também desconhece as letras, mas gosta de estudar. "A escola é boa", diz ela, sorridente. Wendel Leocádio, 7, não sabe ler,

mas conhece as vogais e pode repeti-las a quem perguntar. "Ele gosta de estudar", explica a mãe, Marli de Souza Leocádio, que na aldeia do Andirá cursou até a 6ª série, mas depois não conseguiu continuar. "Lá não tinha mais cursos", disse ela, na esperança da comunidade conseguir a construção de uma escola para as crianças. "Eles poderão ter o estudo que não tivemos", afirma.